



“TEMPO TÁCTIL”: PRATICAS ARTÍSTICAS DA PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA

“TACTILE TIME”: ARTISTIC PRACTICES OF (AUTO)BIOGRAPHICAL RESEARCH

Cláudia Mariza Mattos Brandãoⁱ
Universidade Federal de Pelotas

RESUMO

O objetivo do artigo é compartilhar o processo de criação artística coletivo desenvolvido pelas/os pesquisadoras/es do PhotoGraphein – Núcleo de Pesquisa em Fotografia e Educação (UFPEL/CNPq), que resultou na intervenção urbana “Tempo Tátil”, apresentada durante o 2º Circuito Artístico de Canelas, o Estação Viva 2023, em Canelas/Estarreja (Portugal). O intuito é o de observar as singularidades das práticas poéticas que mobilizam as atividades do Núcleo, no campo das Artes Visuais, para pensar e praticar o (auto)biográfico em suas pesquisas. Portanto, a reflexão versa sobre as formas de pensar e fazer Pesquisa (Auto)Biográfica para a concretização da referida instalação, envolvendo diferentes meios e linguagens artísticas.

PALAVRAS-CHAVE

Tempo Tátil. Fotografia. Processos de Criação. Pesquisa (Auto)Biográfica. PhotoGraphein.

ABSTRACT

The objective of the text is to share the process of collective artistic creation developed by researchers of PhotoGraphein – Photography and Education Research Center which resulted in the urban intervention “Tactile Time”, presented during the 2nd Artistic Circuit of Canelas, the Estação Viva 2023, in Canelas/Estarreja (Portugal). The aim is to observe the singularities of the poetic practices that mobilize the activities of PhotoGraphein, in the field of Visual Arts, to think and practice the (auto)biographical in their researches. Therefore, the reflexion focuses on the ways of thinking and doing (Auto)biographical Research to implement the aforementioned installation, involving different media and artistic languages.

KEYWORDS

Tactile Time. Photography. Creation Process. (Auto)biographical Research. PhotoGraphein.

O PhotoGraphein – Núcleo de Pesquisa em Fotografia e Educação (UFPEL/CNPq) foi criado em 2004, sob a minha liderança. Ele é sediado no Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em



Artes. Num escopo de discussões que relacionam significativamente Artes Visuais, Educação Ambiental, Antropologia e História, o Núcleo objetiva problematizar as relações humanas com o seu contexto vivencial.

Somos um coletivo que prioriza pesquisas teóricas e poéticas acerca das imagens e dos papéis que elas assumem em seus contextos de geração, metodologicamente pautadas nas Teorias do Imaginário, no âmbito da pesquisa (auto)biográfica. A linguagem fotográfica é o cerne das investigações, entendida como mediadora de processos poéticos de produção e construção de conhecimentos centrados na descoberta de si e de seu ser social. Articulando a prática da fotografia e os processos (auto)formativos, nossos estudos versam sobre a imagem fotográfica como uma visualidade que indiretamente revela o imaginário de quem fotografa, privilegiando-a como campo empírico e como instrumento de pesquisa.



Imagem 1. Cartaz de divulgação da instalação urbana “Tempo Táctil”.



Considerada meio, suporte e manifestação estética do pensamento, a fotografia é utilizada como uma extensão óptica criativa, gerando diferentes possibilidades de renovados olhares simbólicos. E esse foi o enfoque dos processos artísticos que resultaram na instalação urbana “Tempo Tátil”, vinculada ao projeto “Do Pincel ao Píxel: Sobre as (re)apresentações de Sujeitos/Mundo em Imagens”, apresentada entre os dias 19 e 21 de abril de 2023, em Canelas (Estarreja, Portugal), durante as atividades do 2º Circuito Artístico de Canelas, o Estação Viva 2023 (Imagem 1).

(...) Para nós, fotografar representa um movimento de abertura ao novo, permitindo a expansão das ideias e dos ideais. O exercício da imaginação criativa, acionado pelas práticas da linguagem fotográfica desenvolvidas pelo/no PhotoGraphein, comporta reformar as imagens fornecidas pela percepção imediata da visualidade, instaurando olhares que admitem um pensar sobre o humano em seu permanente processo de construção.

Com essas palavras o Núcleo é apresentado em seu site (disponível em <https://www.photographein-pesquisa.com.br/>). E coerentes com o nosso propósito, 2022 foi um ano especialmente emblemático para nós, como brasileiros que somos. A “celebração”, comemoração, melhor dizendo, do bicentenário da Independência mobilizou as nossas discussões, leituras e experimentações artísticas que resultaram na instalação ora problematizada.

Consideramos que tal efeméride, por envolver em si inúmeras contradições, era merecedora de problematizações plurais, visto entendermos fundamental ter clareza sobre as estruturas sociais, políticas e históricas das mentalidades e dos comportamentos contemporâneos do povo brasileiro. Afinal, os duzentos anos de Independência do Brasil merecia cotejarmos algumas questões fulcrais: Independência para quem? Para os povos originários, para os negros ou para as elites palacianas do período?

Muitas foram as indagações com as quais nos defrontamos e isso indicou a complexidade do tema. A temática acenou para a formatação de uma identidade



nacional forjada com base nos valores de poucos em detrimento da maioria. E isso nos provocou um pensar sobre quem somos e como nos comportamos na atualidade.

Em meio às leituras e discussões recebemos o convite para participar do Estação Viva 2023, em Canelas, e o projeto artístico deveria ser enviado até dezembro de 2022. O convite nos levou a refletir sobre o povo português, sua influência em nossa formação histórica e social e no quanto conhecemos ou não tais origens. Mais do que isso, indagávamos: Para além dos estereótipos, será que os portugueses conhecem o nosso cotidiano?

No tocante à memória é importante ressaltar que não se trata de fazer comparações entre vida e obra visando à recomposição biográfica; se estes elementos vierem a se tornar visíveis será unicamente no sentido de formular um processo criativo para a construção de uma poética, na poesia ou na visualidade, no espaço plástico ou na encenação, ou seja, uma ficção. (RANGEL, 2015, p. 17).

No contexto da “anestesia da criatividade imaginária” (DURAND, 2000, p. 36), refletimos sobre a fotografia como um recurso de (re)apresentação das pessoas e dos seus percursos (auto)biográficos e, principalmente, de criação e acumulação de conhecimentos gerados sobre quem registra e seus imaginários. Nesse sentido, o “tempo” surgiu como um conceito pregnante para o que pretendíamos desenvolver: uma proposição artística coletiva que apresentasse à comunidade portuguesa da aldeia de Canelas um pouco da nossa realidade atual. Isso, na consideração de que o PhotoGraphein objetiva também propor reflexões acerca das vivências cotidianas e seus imaginários em diferentes contextos, associando a linguagem fotográfica aos processos educativos e de formação docente.

Fernando Pessoa, em seu “Livro do Desassossego de Bernardo Soares” (INDJI, 2014, p. 73), divaga:

Não sei o que é o tempo. Não sei qual é a sua verdadeira medida, se tem alguma. A do relógio sei que é falsa: divide o tempo espacialmente, por fora. A das emoções sei também que é falsa:



divide, não o tempo, senão a sensação dele. A dos sonhos é errônea: neles nós tocamos o tempo, uma vez prolongadamente, outra vez depressa, e o que vivemos é apressado ou lento, conforme alguma propriedade do seu decorrer cuja natureza desconheço.

Cada um de nós, a seu modo, assim como Pessoa, divagou sobre o tempo. Acabávamos de sair de um tempo *sui generis*, o pandêmico (lembrando que as aulas presenciais retornaram somente no segundo semestre de 2022), um período solitário, estranho e muitas vezes assustador. Chegamos a discutir acerca da ideia de que o tempo não existe.

Alguns defenderam a existência do movimento, do espaço abstrato e da duração como as únicas grandezas infinitas. E tal argumentação se baseou na compreensão de que o universo, também habitado por nós, humanos, é finito, e que para haver vida tem que haver morte, sístole e diástole, contração e relaxamento, movimento que está presente em várias partes do corpo. Ou seja, é possível resumir esse pensamento dizendo que cada coisa no universo tem a sua própria duração.

Analisando esse posicionamento, chegamos a Gaston Bachelard (2007) e a sua defesa da “intuição do instante”. Para o filósofo, a única realidade possível para o tempo é a do instante, opondo-se à noção comum de duração contínua, linear, que transcorre independente de nós. Ao contrário, ele defende a ideia do tempo como um encadeamento descontínuo de instantes sempre novos.

Quanto a mim, devo dizer que me vejo perdida e envolta em dificuldades insolúveis sempre que tento conceituar o *tempo*, abstraindo-o da sucessão de ideias que em minha mente fluem de modo uniforme (uniformidade e sucessão que também se vê nos demais seres). Não tenho dele a mais remota noção em absoluto: somente ouço falar o que outros dizem, que é divisível até o infinito, e falam em termos tais que me sugerem os mais peregrinos pensamentos sobre a minha existência. (BERKELEY, In: INDJI, 2014, p. 98).

Assim como George Berkeley, não conseguimos encontrar respostas para a existência humana, menos ainda para o tempo. Porém, entendemos que o tempo



particular com o qual lidávamos, o tempo do fotográfico, precisava ganhar concretude. Assim surgiu a ideia da instalação urbana “Tempo Tátil”.

Para além de fornecer uma visão estética, formalista, do período histórico vivido, a nossa intenção era dar a ver as complexidades estruturantes, provocando reflexões sobre as nuances, conexões internas e reflexos das bases sociais geradoras da produção artística em planejamento naquele momento. E, a partir destas conversas, foi planejada a obra resultante.

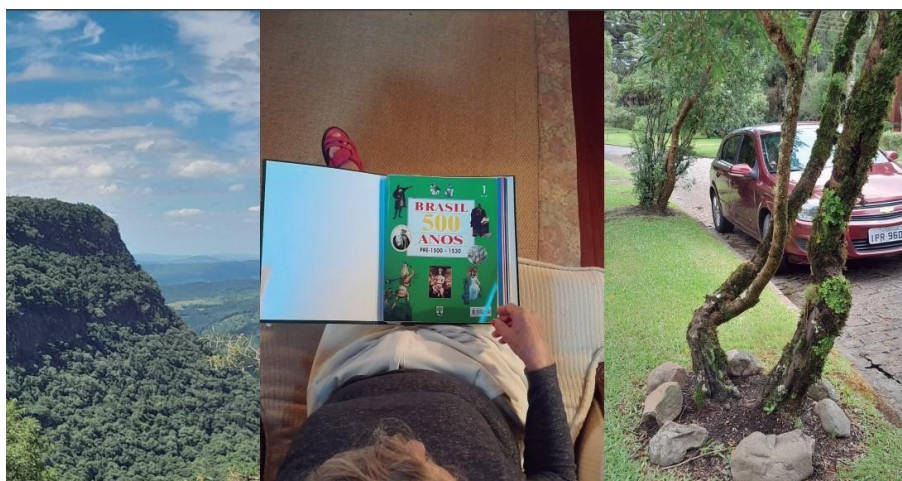


Imagem 2. Alguns registros que compuseram a instalação coletiva.

“Tempo Tátil” é composta por 44 fotografias impressas no formato de postais (Imagem 2), posteriormente enviados a Portugal através dos correios, representando simbolicamente os 44 dias de deslocamento das caravelas portuguesas até o Brasil, em 1500. As imagens registram detalhes do cotidiano das/os artistas participantes, e foram capturadas no mesmo horário, com o objetivo de apresentar em Portugal um pouco sobre quem somos e como vivemos na contemporaneidade.

Para que a instalação urbana coletiva fosse executada de forma funcional e coerente com a ideia desenvolvida, foram necessários testes. Entre outubro e novembro de 2022, algumas/uns das/dos pesquisadoras/es envolvidas/os na obra coletiva capturaram imagens do que estavam fazendo nos dias e horários previamente



agendados. Essa dinâmica gerou resultados muito positivos, reunindo imagens que estimularam reflexões acerca do cotidiano de cada um/a.

Em fevereiro, durante o período de recesso das aulas, reunimos o grupo interessado em participar da prática e combinamos as datas e horário exato para a captação das imagens que comporiam a instalação. Cinquenta imagens foram registradas por 10 pesquisadores entre os dias 18 e 22 de fevereiro de 2023, às 11h17 da manhã, um horário escolhido aleatoriamente. Os registros foram feitos em Pelotas (RS), Rio Grande (RS), Canoas (RS), São Leopoldo (RS), Novo Hamburgo (RS), São Jerônimo (RS), Canela (RS), Gramado (RS), Porto Alegre (RS), Florianópolis (SC) e Piraju (SP), locais onde as/os pesquisadoras/es passavam as suas férias. Para a determinação do conjunto final, foi feita uma curadoria coletiva a partir dos nexos estabelecidos entre as 44 imagens selecionadas.

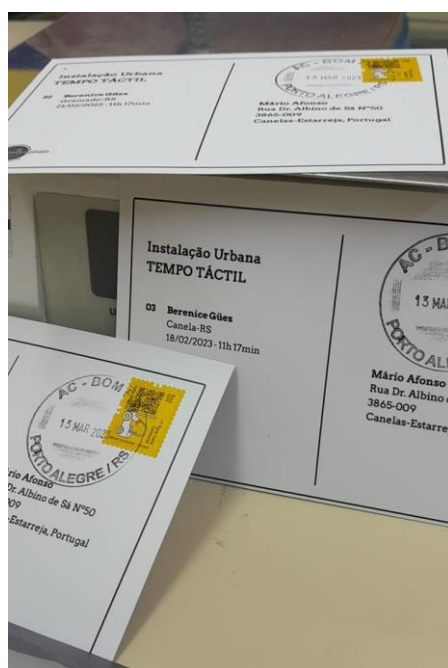


Imagem 3. Envio dos postais para Portugal.

Depois desta seleção, cada um/a ficou responsável pela impressão e envio das imagens de sua cidade de origem, a saber: Pelotas (RS), Rio Grande (RS), Novo Hamburgo (RS), Porto Alegre (RS), São Paulo (SP) e Piraju (SP) (Imagem 3). Embora



existisse a possibilidade de enviarmos as imagens via internet, para posterior impressão pelos organizadores do evento, decidimos pela arte postal. Essa foi uma escolha que contemplou a nossa expectativa de alegoricamente experienciar o tempo de deslocamento entre os dois continentes. Além disso, a decisão se deve também à nossa vontade de que elas portassem as marcas do longo percurso entre os dois países, assim como metáforas alusivas de como o nosso cotidiano ainda é afetado pelas relações coloniais.



Imagem 4. Postais dispostos na parede em Canelas/Estarreja.

Em média, as nossas “caravelas” postais demoraram 30 dias para chegar ao seu destino em Canelas/Estarreja, quando finalmente foram reunidas para a montagem da instalação. Assim, entre os dias 19 e 22 de abril de 2023, “Tempo Tátil” (Imagem 4) foi montada na parede de um antigo casarão de Canelas, numa simulação da rota marítima das embarcações que aqui chegaram, no ano de 1500 (*teaser* disponível em <https://www.youtube.com/@photographieinnucleodepesqu5493>). Ao término do Estação Viva 2023, os postais foram retirados pelas pessoas da aldeia que visitaram



a exposição coletiva a céu aberto, caracterizando a chegada de nossas “caravelas” postais a lares portugueses.

Vivemos numa “civilização das imagens” (DURAND, 2000), produzindo e divulgando incessantemente fotografias. Estamos vinculados significativamente ao tempo *chronos* (do relógio), ao cotidiano, a espaços e rotinas, constantemente tentando libertar nossas mentes já cansadas de tantas informações que chegam simultaneamente, oriundas de diferentes meios de comunicação. Entendemos que para perceber o que nos rodeia é preciso parar e observar o entorno e seus detalhes, suspender temporariamente a dinâmica veloz do nosso dia-a-dia.

Neste sentido, participar da experiência significativa que norteou a instalação urbana “Tempo Tátil” foi como um sopro em meio ao imediatismo que cerca nossos círculos viciosos e convenções. O longo processo artístico, as leituras, discussões e experimentações, delinearam um trajeto de pesquisa criativo e (auto)formativo:

Calvino fala em “dilúvio de imagens pré-fabricadas” e de nossa memória nesse contexto como um “depósito de lixo”. Penso que através do exercício de compreender e fomentar os objetos de arte e o processo de criar nas várias artes, onde a arte aparece, como é nomeada e usufruída em cada cultura, mais do que nunca possibilita compreender aquilo que é essencialmente jogo e sonho, como força viva, memória e matriz cultural. (RANGEL, 2015, p. 58).

Enquanto desenvolvíamos a pesquisa, contemplando objetivos acadêmicos pré-estabelecidos e, em determinado sentido, respondendo às expectativas depositadas em nós, professora e estudantes, seja da graduação ou da pós-graduação, cada um/a observava atentamente o seu cotidiano, a sua matriz cultural. Retiramos do banal os subsídios para a criação artística, exercitando a prática, muitas vezes adormecida/esquecida, de voltar a atenção para os hábitos e caminhos diários. O excesso de informações muitas vezes oblitera a percepção do que acontece no nosso entorno imediato, impossibilitando viver intensamente os fatos, visto que “a informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma antiexperiência” (LARROSA, 2002). O resgate da atenção às vivências



cotidianas, que o exercício poético viabilizou, nos oportunizou tecer redes de significados comuns entre as/os pesquisadoras/es.

No tempo liberto da arte, transgressor e muitas vezes inverossímil, transfiguramos mensagens sobre quem somos nós, brasileiros, em imagens do cotidiano particular de cada um/a, e elas assumiram a condição de “caravelas” anunciadoras de aproximações entre pessoas geograficamente distantes. Num piscar de olhos, o tempo se materializou em postais que acenam para os vínculos singulares entre dois povos: o brasileiro e o português, colônia e colonizador.

E assim, o tempo da história ganhou concretude e nos permitiu pensar, organizar, questionar e expandir um caminho de memórias, vivências e produção artística para além das fronteiras terrestres. No processo, a arte nos emancipou da experiência temporal convencional, suspendendo as relações estruturais da forma em desdobramentos laterais de aproximação significativa. Essa espécie de decomposição formal, de ideias, sentimentos e percepções só foi possível, graças aos múltiplos e complexos jogos de significância que a arte viabiliza.

Ser, estar, viver, perceber, refletir e criar foram os motes propulsores do exercício poético concretizado através de “Tempo Tátil”, num movimento direcionado à formação crítica, reflexiva e artisticamente propositora. Rompendo os muros institucionais e territoriais, nos consolidamos como um coletivo multifacetado, fortalecendo os laços humanos que nos unem como pesquisadoras/es/catadoras/es de si através dos exercícios (trans)formadores da arte.

Referências

BACHELARD, Gaston. **A Intuição do Instante**. Campinas, SP: Verus Editora, 2007.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência, in **Revista Brasileira da Educação**. Rio de Janeiro: ANPED, 2002.

DURAND, Gilbert. **O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem**. Rio de Janeiro, DIFEL, 2001.



INDIJ, Guido (Ed.). **Sobre el Tiempo**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: La Marca Editora, 2014.

RANGEL, Sonia. *Trajetos Criativos*. Lauro de Freitas, BA: Solisluna Editora, 2015.

ⁱ Professora Associada da Universidade Federal de Pelotas, UFPel (RS), atuando no Programa de Pós-Graduação em Artes da mesma universidade. Doutora em Educação (UFPel, 2012), com Pós-Doutorado em Criação Artística Contemporânea (Universidade de Aveiro, PT, 2019) Lattes ID: <https://lattes.cnpq.br/4898554772122279> ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2161-4779> Contato: claummattos@gmail.com Rio Grande, RS.